



A reconquista do Rio da Prata na cidade de Buenos Aires: representações e concepções no Projeto Orgânico de 1925

ANA CAROLINA OLIVEIRA ALVES*

“Donde el Río encuentra a la pampa, y la pampa al Río: ahí se funda Buenos Aires (...) la Ribera Metropolitana es un encuentro de gigantes”
Eduardo Lozano

A cidade de Buenos Aires cresceu entre a região dos pampas e o Rio da Prata que se relacionavam entre si através de um barranco irregular ainda reconhecível em alguns pontos da cidade. A região metropolitana, asentada nesse espaço de contato entre distintos marcos naturais, como afirmou o arquiteto Lozano, se constitui como um espaço tangenciado pelo rio e com uma costa densamente urbanizada e ocupada. Desta região, o rio é uma parte essencial: é fonte de água doce, via navegável, recurso hídrico essencial e paisagem de riqueza biológica. Tanto este quanto sua região ribeirinha constituíram chaves estratégicas para a formação do país constituindo, portanto, patrimônio de espaço público comum a todos os habitantes, com enorme relevância também para o país como um todo. (FUNDACIÓN CIUDAD, 2002)

A relação entre rio e cidade é um elemento essencial do desenvolvimento urbano. A própria disponibilidade de água sempre constituiu fator fundamental para o estabelecimento decisivo de populações em determinadas localidades. Além do abastecimento, os rios também serviram como meios de comunicação e vias de transporte de pessoas e/ou mercadorias, além de outras funções que acumularam ao longo do tempo. A forma com a qual a humanidade lidou e se relacionou com esse recurso natural marcou a organização das próprias sociedades, estabelecendo o desenvolvimento das cidades de acordo com as funções adquiridas pelos rios que as tangenciavam e/ou perpassavam.

Seus diversos usos e apropriações são evidentes já que estes tem sido encarados como pontos de passagem, mas também locais de intercâmbio e encontros, barreiras de proteção podendo ser apreendidos a partir de elementos responsáveis por garantir sua integração com a vida urbana tais como pontes, cais, portos, dentre outros. Essa diversidade constitui parte integrante da própria paisagem urbana, atribuindo às cidades uma identidade bastante específica por conta dessa relação. Entretanto, cabe salientar ela não é constituída de forma estável. Ao contrário, é decorrente de distintos fatores e processos. As diferentes mudanças sofridas pela

* Mestranda da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), financiamento CAPES.



sociedade mediana, também, essa relação. A abordagem que buscamos aqui enfatiza a organização espacial e as lógicas de produção do espaço urbano perante essa relação assim como nos atores envolvidos nesta.

A proposta deste trabalho partiu de uma pesquisa de mestrado que busca compreender a relação entre o espaço público, urbanismo e política em Buenos Aires, partindo da *Plaza de Mayo*, espaço privilegiado de intervenções urbanas na cidade. Consideramos estes conceitos de maneira ampliada, por serem complexos e mediados por disputas, acreditando que devem ser pensados em conjunto e, portanto, a análise específica da praça e de sua dimensão política demanda o entendimento de como as concepções de cidade envolvidas interferem nesta dinâmica. A temática escolhida aqui tangencia a pesquisa a partir de um documento específico: o Projeto Orgânico para a Urbanização de Buenos Aires, proposto em 1925 por uma Comissão de Estética e Edílica selecionada pelo então presidente.

Ao longo da década de 1920 houve na Argentina um intenso debate sobre a arquitetura e suas finalidades, temas que deixam de ser exclusividade dos círculos intelectuais e ganham um aspecto público, além de uma centralidade, o que não ocorria até então. A publicação do plano aqui analisado permitiu uma difusão bastante ampla em torno de seus debates que alcançaram não só especialistas, mas toda a sociedade. O *Proyecto Orgánico para la Urbanización del Municipio*, segundo a arquiteta argentina Noemí Adaggio, é um documento em que se pode observar o entrelaçamento imbricado entre arquitetura e urbanismo evidenciando discussões sobre a cidade e as técnicas envolvidas em sua transformação tanto material quanto simbólica. (ADAGGIO, 1999) O projeto elaborado pela Comissão sintetiza, portanto, negociações entre seus integrantes e o poder político expondo maneiras de pensar sobre o fenômeno urbano. Esse documento nos permite analisar as intenções políticas para com este espaço público naquele momento identificando e problematizando como tais debates se entrelaçam com a própria materialidade do espaço.

Um dos pontos que guiavam o projeto era a chamada “reconquista” do Rio da Prata, que se baseava em colocar o rio como um fator privilegiado, valorizando a posição da cidade em relação a este. Dentre as propostas, as principais obras envolvidas seriam a construção de uma Avenida beirando o rio e a modificação estrutural da Casa Rosada, na Plaza de Mayo, encarada como obstáculo para tal reconquista - tendo em vista sua localização. Tematizar a relação entre o urbano e o fluvial nos permitirá apreender como esta é pensada no caso específico do Projeto Orgânico que, apesar de não ter sido colocado em prática, nos permite considerar muitas das concepções vigentes naquele período sobre cidade e urbanismo.



A proposta desse trabalho, portanto, é desenvolver reflexões sobre a concepção desse rio em diálogo com a cidade de Buenos Aires no momento que é concebido o projeto de 25. Nosso foco será compreender a relação entre a cidade e o rio construída em meio às páginas deste projeto. Buscamos perceber como se concebe a apropriação social desse rio de forma a contrariar a tradicional separação entre as esferas da sociedade e da natureza. Nesse sentido, a perspectiva da história ambiental é essencial para desnaturalizar essa separação buscando suporte em outras áreas que permitam estabelecer conexões e diálogos mais complexos que interligam estes dois polos. Nesse sentido, essa proposta se centrará em uma análise inicial envolvendo uma das principais estratégias da comissão para alcançar essa reconquista tentando compreendê-la, paradoxalmente, como forma de buscar a integração do rio à cidade, a partir de um discurso que naturaliza a dicotomia entre essas esferas.



Figura 1: Localização geográfica do Estuário da Prata

Fonte: Proyecto Orgánico para la Urbanización del Municipio (Intendencia Municipal), 1925



O Rio da Prata, formado sobre a costa atlântica da América do Sul, é originado pelo desague das águas dos rios Paraná e Uruguai além do oceano estabelecendo fronteiras tanto com a Argentina quanto com o Uruguai. Sobre as margens ocidentais do rio se desenvolve a área metropolitana da capital portenha, a cerca de 240 km do Oceano Atlântico (ver na figura 1 o posicionamento do rio em relação a área metropolitana cujo centro localiza-se geograficamente em sua ponta sul). As questões que norteiam esse trabalho são: Qual é a relação ou, ainda, quais as relações que Buenos Aires desenvolve com o Rio da Prata? Afinal, encaremos que essa relação se estabelece de maneira diferenciada a partir de momentos e atores específicos que mobilizam discursos que se afastam ou aproximam desse elemento fluvial.

Até final do século XVIII o Rio da Prata foi um espaço raramente utilizado pelo império espanhol contando apenas com um modesto contrabando que aproveitava as vantagens naturais da localização (FERRER, 2002). Foi nesse período, quando Buenos Aires tornou-se sede do recém-criado Vice-reinado do Prata, que um novo regime de comércio fora estabelecido para as colônias começando a transformar a cidade em epicentro de um crescente dinamismo. Depois de sua independência e até a organização nacional a capital foi ganhando importância além de uma posição hegemônica frente às outras províncias da capital, e o rio e seus afluentes conferiram à cidade características portuárias. Essa relação, entretanto, modificou-se afastando, muitas vezes, a cidade de suas bordas fluviais. Hoje, a relação entre ambas se encontra fragmentada e pode ser observada tanto nos rios internos que foram entubados e eliminados da paisagem urbana quanto na costa do Rio da Prata que sofreu também distintos processos de intervenção.

Essas intervenções, efetivadas ou não, evidenciam narrativas que associam ou afastam o elemento fluvial do desenvolvimento da cidade. Enxergamos o projeto de 1925 como um desses momentos, buscando compreender as estratégias pensadas neste para a integração entre cidade e rio, além dos discursos que estas evidenciam. Carlos Noel assumiu como intendente da cidade em outubro de 1922, designado por Marcelo T. de Alvear depois que este assumiu a presidência, tendo permanecido no cargo até o início do ano de 1927. Noel se dispôs a formar uma equipe de trabalho para estudar o desenvolvimento da cidade, a qual denominou Comisión de Estética Edilicia (CEE). Esta comissão era integrada por quatro importantes instituições: a Sociedade Central de Arquitetos, o Ministério de Obras Públicas, a comissão Nacional de Belas Artes e a Municipalidade da cidade de Buenos Aires, cujos representantes eram, respectivamente, o arquiteto Carlos Morra, o engenheiro Sebastián Ghigliazza, o arquiteto



Martín Noel, irmão do intendente, e o Arquiteto René Karman. Além dos nomes citados, para a elaboração do projeto, a Comissão recebeu ajuda direta do arquiteto francês Jean-Claude Nicolas Forestier.

O projeto, publicado em 1925, considerava alguns espaços públicos privilegiados para a ação urbana por reconhecê-los como centros cívicos da cidade, como a própria praça. O Programa edílico proposto pela Comissão envolvia oito pontos importantes a serem considerados como estratégias de atuação, dentre os quais busca pela Reconquista do Rio ocupava o primeiro lugar. Ele consistia em recuperar, considerando as condições da cidade, as vantagens de sua proximidade com o Rio da Prata. Especificamente essa parte do programa contava ainda com nove propostas que contribuiriam para recuperar “en las condiciones actuales de la ciudad y de su orientación las ventajas que le trae su vecindad privilegiada con el estuario del Plata” (NOEL, 1925, p. 13).

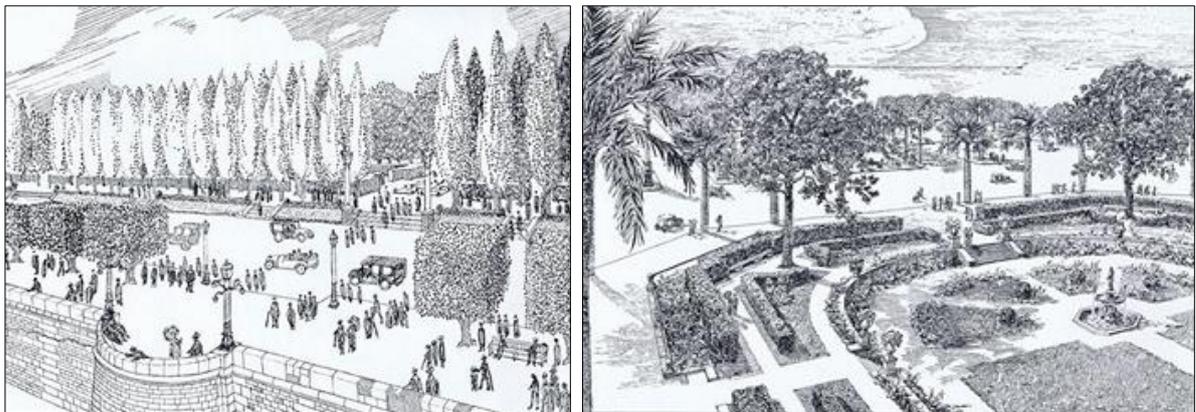
A principal estratégia mobilizada para alcançar esse objetivo fora a criação de parques e passeios que devolveriam os usos recreativos a esta parte da cidade, como os espaços de uma praça e do Balneário Municipal, desenhados por Forestier. Estas propostas demonstram a tentativa de criação de novos ambientes de vida popular que reincorporariam as águas do rio na própria vivência urbana, elucidando concepções da relação entre sociedade e natureza e do controle exercido pelo homem por meio de práticas, discursos e percepções do mundo natural. Essa natureza, ao ser controlada ou mesmo “conquistada” passaria a se tornar elemento desejável dentro da dinâmica da constituição da cidade e, portanto, integraria essa dinâmica urbana de maneira quase impossível de desvincular.

A incorporação de mais espaços verdes públicos para refletir a efetivação de uma nova “conquista” do rio buscava devolver à cidade sua condição de cidade bordeada por um grande estuário e, para isso, foram desenvolvidos os projetos da Avenida Costanera e dos novos bairros ribeirinhos que foram o primeiro ponto escolhido por nós. A proposta dessa avenida conectaria o Novo porto com o limite sul da cidade concebendo com isso a possibilidade de ganhar terrenos próximos ao rio. No tratamento dessa questão em particular, se fez uso da colaboração do paisagista Forestier, de cuja memória foi transcrito o desenho realizado buscando esse fim. Nesse sentido, incluíram-se considerações sobre os mecanismos de financiamento do projeto que completavam o loteamento e a venda de terras municipais, beneficiadas pela abertura de dita avenida

A justificativa econômica sustenta grande parte das decisões suplantadas no projeto que, para tornar-se factível, envolveu um maior aproveitamento desse terreno prevendo zonas



destinadas a edificação desses bairros cuja edificação era uma tentativa de aumentar as fontes de recurso disponível. Desde o Novo Porto até os limites municipais, o novo espaço contaria com habitações agrupadas em chamados “bairros parques”. O Barrio Parque de La Ribera, entre Palermo e Belgrano e o Barrio La Ribera de Belgrano seriam construídos sobre terrenos obtidos a partir de obras de melhoramentos, dragagem e deslocamento do Canal Mitre por cerca de 800 metros. A venda desses terrenos residenciais contribuiria para o custeio da obra da Avenida que, junto com palácios, hotéis de luxo, um aquário municipal, restaurantes e um cassino além de outros empreendimentos, completariam o projeto destinado à costa. Além desses empreendimentos destacam-se a criação de uma Plaza e o Balneário Municipal que, incorporados a esse projeto, representariam novos espaços de convivência que facilitariam a reintegração desse espaço à sociedade a partir dos novos usos que seriam feitos desses. (representados nas figuras 2 e 3) Inicialmente, as edificações foram pensadas de maneira muito compacta, mas essa ideia foi gradativamente substituída na intenção de conseguir que, se não todas, ao menos a maioria das habitações contassem com ampla vista sobre o Rio da Prata.



Figuras 2 e 3: Balneário Municipal e Grande Praça da Avenida Costanera

Fonte: Proyecto Orgánico para la Urbanización del Municipio (Intendencia Municipal), 1925

A avenida teria um traçado longitudinal e transversal seguindo uma linha curva com ondulações côncavas e convexas. Nesta estariam previstos cinco pontos de contato com a cidade, dentre os quais o próprio porto e pontes que ligariam a costa a espaços como praças e outras avenidas. O projeto se apresentou em duas versões: uma, menos ambiciosa, gestada pela comissão, e outra, baseada no desenho de Forestier, convocado por sua especialidade em parques e jardins. Entretanto, é interessante compreender que ambas perspectivas definiam essa como uma nova paisagem a ser incluída dentro do já complexo sistema metropolitano.



Nesse sentido, é interessante refletir sobre a relação que se estabelece com a natureza a partir desse discurso que pode ser evidenciado a partir do próprio vocabulário. Quando se escolhe falar em “conquistar” ou “reconquistar” o rio, se delinea um sentido claro de intervenção humana na natureza na qual a esta resta um papel de ser moldada de acordo com interesses que lhes são alheios, distanciando ambas as esferas. Ao contrário, acreditamos em uma concepção que evidencia a reciprocidade existente nas relações entre história e natureza, nem sempre observada pelos urbanistas. Essa perspectiva insere-se em um apelo realizado pelo historiador ambiental William Cronon, nos anos 80, sobre a necessidade de pensar na natureza para além das ideias de paisagens que forjaram a disciplina. O autor, pertencente à segunda geração da história ambiental ressalta a importância de pensar que grande parte da experiência ambiental dos indivíduos se dá em meio às cidades (CRONON, 1995). Essa natureza, ao contrário daquela mais facilmente perceptível por nossas observações iniciais, pode encontrar-se de maneira menos óbvia. Essa é transformada mas, apesar disso, continua persistente e presente na história urbana – como é o caso dos rios entubados de Buenos Aires que, apesar de não visíveis, estão ali presentes e, por isso, geram experiências específicas que modificam a cidade.

Conclusões

A relação entre Buenos Aires e o Rio da Prata tem sido historicamente conflituosa e deve ser analisada para permitir compreender como, neste caso, os objetivos de planos são consequências de aportes teóricos específicos com intenções determinadas. Por isso, é importante examinar as concepções e atitudes humanas na apropriação e transformação do espaço, considerando a natureza como parte deste processo. A cidade nos ajuda compreender como a atividade humana, ao transformar o ambiente que vivencia, reconstrói as relações. Dentre essas relações, a que nos interessa destacar aqui é aquela que se estabelece entre a cidade e o ambiente natural, em especial o Rio da Prata, analisando as diferentes formas com os quais interagiram com o espaço natural, buscando captar as transformações da natureza

O surgimento de uma tentativa de regulação do espaço urbano da cidade suscitou o debate da ocupação pelo rio, evidenciando-a. Buscamos considerar esse rio e a influência deste na sociedade argentina reconhecendo-o como fator essencial na dinâmica desenvolvida pela própria cidade, a partir de mediações múltiplas e complexas. O exame atento do papel desse rio no processo urbano da cidade de Buenos Aires nos permite compreender os discursos presentes



e reiterados por distintos atores e como esses se relacionam com a concepção que possuem de cidade.

No caso do Projeto de 1925 e dos integrantes da Comissão, o que percebemos foi que seus discursos vão no sentido de incorporação do rio e concessão de novos usos. Embora, entretanto, à primeira vista, esse discurso pareça integrar a esfera urbana e a natureza, devemos prestar atenção na maneira como este se constitui. Ao pregar uma conquista do rio o projeto parece evidenciar sua concepção de um desenvolvimento urbano e técnico que vai além da natureza, incorporando-a a seu bel prazer e reforçando a clássica dicotomia que separa, em vão, essas esferas. Consideramos, ao contrário dessa ideia, que, para além do discurso desses agentes, essas esferas estão sim relacionadas de maneira imbricada. Embora de distintas maneiras, entubados ou aparentes, não só os rios, mas outros elementos da natureza são constantemente incorporados nessa vivência urbana demonstrando que necessitamos repensar essa relação colocando a natureza sobre uma nova posição e superando a antiga ideia que limita esta a espaços específicos como a ideia de wilderness, ou natureza sem contato, conceituada por Cronon. Reiteramos, portanto, a necessidade de pensar no conceito de natureza urbana, aquela com a qual a maioria dos sujeitos tem contato frequente e que evidencia a não separação entre essas esferas.

Referencias

ADAGIO, Noemí. “El Arquitecto Como Artista Urbano: El Proyecto Orgánico De La Comisión De Estética Y Edilicia Municipal, Buenos Aires (1923-1925)”. **Estudios del Hábitat**, La Plata, v. 2, n. 6, p.30-49, 1999

CRONON, William. **The trouble with wilderness**; or, getting back to the wrong nature. Uncommon Ground: Toward Reinventing Nature. New York: W. W. Norton & Company, 1995.

FERRER, Aldo. Prólogo. El Río de la Plata, una visión histórica. In: BORTHAGARAY, Juan Manuel. **El Río de la Plata como Territorio**. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2002. p. 13-14

FUNDACIÓN CIUDAD. Uso sostenible de la Ribera Metropolitana. In: BORTHAGARAY, Juan Manuel. **El Río de la Plata como Territorio**. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2002. p. 177-214

NOEL, Carlos Martin. Comisión de Estética Edilicia. **Proyecto Orgánico para la Urbanización del Municipio** (Intendencia Municipal). Buenos Aires, 1925.



**XXIX DE HISTÓRIA
NACIONAL
SIMPÓSIO**

**CONTRA OS PRECONCEITOS:
HISTÓRIA E DEMOCRACIA**